

FIGURAÇÃO DAS SIBILAS COMO PERSUASÃO: SOBREVIVÊNCIA E PODER RELIGIOSO NA ARTE CRISTÃ

FIGURATION OF THE SIBYLS AS PERSUASION: SURVIVAL AND RELIGIOUS POWER IN CHRISTIAN ART

Maria Cláudia Almeida Orlando Magnani

Professora adjunta da UFVJM/Brasil
magnani@redecitel.com.br

RESUMO

Os mitos antigos não estão mortos. A partir desta afirmação este trabalho pretende apontar os caminhos históricos que legitimaram a sobrevivência do mito das sibilas no mundo cristão, em sua estreita relação com a astrologia, como forma de poder persuasivo da arte. O paganismo esteve sempre presente no cristianismo, não só como símbolos, mas como efetiva influência essencial sobre os homens e as suas vidas. Alguns momentos históricos em particular são privilegiados neste caminho, desde os padres apologistas do cristianismo primitivo até o nascimento da ciência moderna. Sibilas e astrologia, como testemunhos "de fora" são presença constante nas representações plásticas do mundo cristão, que aqui privilegiamos. A sua sobrevivência ou pós-vida (*Naschleben*) é ora afirmada também pela legitimação de grandes nomes da patrística e da escolástica, e por meio da influência de Albumasar, teólogo muçulmano que faz o elo entre as sibilas e sua representação como poder.

PALAVRAS-CHAVE

Sibilas | Arte | Poder | Persuasão

ABSTRACT

Ancient myths are not dead. Based on this premise the intent of this paper is to delineate the historical paths which legitimized the survival of the myth of the Sibyls in the Christian world in its close association with astrology, as an art form of persuasive power. Paganism has always been an intrinsic element of Christianity, not only symbolically, but also as a direct impact on people and their lives. Some particular moments in history are in this sense noteworthy, from the apologist priests of primitive Christianity to the birth of modern science. The sibyls and astrology, as "outside" witnesses, are a constant presence in Christian world, which is the focus of this paper. The afterlife (*Naschleben*) of the sibyls throughout history is further affirmed by the writings of the patristic and scholastic theologians, and also evidenced in the work of Albumasar, who associates sibyls, and their representation as power.

KEYWORDS

Sibyls | Art | Power | Persuasion

INTRODUÇÃO

Arte e poder têm uma relação íntima e inegável desde os primórdios da humanidade. Ainda que diferentes sejam os fatores determinantes e distintos os tipos de poder, de maneira recíproca ou paradoxal, nos diversos momentos históricos essa relação se mantém. Trata-se aqui de abordar a potencialidade de poder persuasivo da representação das sibilas no mundo cristão, como sobrevivência de um mito antigo que se mantém em múltiplos momentos históricos.

Uma pergunta recorrente de quem ergue os olhos para a abóboda de uma das numerosas igrejas pelo mundo onde se encontram representações das sibilas é: o que fazem as profetisas pagãs no teto de uma igreja católica? É uma ótima pergunta e a resposta, como todo resultado de uma boa interrogação, é multifacetada e transdisciplinar.

O MITO DAS SIBILAS

As sibilas estão entre aqueles mitos que tiveram um alcance temporal longo e a sobrevivência em muitos e distintos espaços. Ao longo da história da humanidade, todas as culturas criaram mitos que pretenderam dar respostas às questões fundamentais do ser humano. A partir disso, mesmo as condutas profanas das comunidades humanas foram orientadas pelos modelos exemplares dos entes sobrenaturais que habitam as narrativas míticas. É nesse contexto mitológico que se inserem as sibilas e seus oráculos, ainda que, do ponto de vista da compreensão do mito, alguns problemas se interponham. Dentre eles, quando se trata do mundo pagão, as sibilas não são entes sobrenaturais (condição concernente aos mitos amplamente aceita pelos eruditos), mas mulheres de carne e osso. Do ponto de vista da cultura judaico-cristã, o mito sibilino não é relegado ao campo da falsidade ou da ilusão – como acontece frequentemente com as narrativas que não estão legitimadas ou validadas nos dois testamentos – ainda que não esteja referendado nos livros sagrados (Eliade, 1972: 11). Sobre essa legitimação extraordinária é que me dedico a seguir.

O registro mais remoto dos oráculos sibilinos se dá na Babilônia, migrando daí para a cultura greco-romana (Peretti, 1943: 11-12). Na mitologia greco-romana, as sibilas, quando ligadas a um deus, são profetisas de Apolo e têm a função de dar a conhecer os seus oráculos. Como seres mortais, as profetisas faziam o elo entre o profano e o sagrado atendendo à necessidade humana tanto de se comunicar com o transcendente, como de saber dos acontecimentos porvindouros. Como é comum ocorrer

nos mitos, várias versões inconciliáveis circulam sobre o momento do surgimento da sibila na Grécia. Baudoin, entretanto, aponta um momento preciso: a sibila teria aparecido pela primeira vez no século VIII a.C., época na qual ela teria se apresentado como filha de Lamia, por sua vez filha de Poseidon, durante as celebrações dos jogos de Corinto (Baudoin, 2012: 62-70). As suas profecias nunca são respostas, mas visões. Potente intermediária entre céu e terra, ela perscruta a obscuridade dos tempos mais remotos e enxerga os futuros mais longínquos. Apesar da estreita conexão entre a lenda e a tradição artístico-literária, não obstante serem substrato uma da outra, essas duas linguagens desenvolvem-se paralelamente, como águas próximas que não se podem unir completamente. Segundo Ferri (2007: 56) a lenda da sibila é pura e exclusivamente italiana, enquanto as outras manifestações são europeias em geral, ou quase totalmente europeias. O que interessa aqui, no entanto, é o caráter de universalidade desse mito. A sua forte e diversificada sobrevivência, deve-se, segundo este autor, a um “*principium vitae*” (Ferri, 2007: 61) que remete à sua primordial composição humano-religiosa. Assim, mesmo na tradição popular, a sibila, ou ao menos seu nome, permanece até os dias atuais.

Os oráculos sibilinos, adaptados pelos judeus, foram adotados pelos cristãos desde o cristianismo primitivo. Antes dessa incorporação, porém, para os romanos antigos a adivinhação sibilina era estreitamente ligada ao animismo e ao primitivo culto dos mortos. Posteriormente a isso e também ao culto dos deuses ctônicos, a sibila apareceu como purificadora e expiadora (Rossi, 1915: 209).

A INCORPORAÇÃO DAS SIBILAS NO MUNDO CRISTÃO: SUA RELAÇÃO COM A ASTROLOGIA

Não é tarefa simples deslindar o caminho percorrido entre a sibila pagã e sua incorporação pelo cristianismo. Não existe um fato único, ou momento histórico exclusivo que responda com suficiência a esta questão, mas, ao contrário, diferentes ocasiões e eventos se interpõem e concorrem para a sua elucidação. Trata-se por isso de uma sobrevivência efetiva. A questão divinatória e profética é um elemento comum e peculiar ao complexo quadro de relacionamentos difíceis (mas forçosos) da nova mensagem religiosa cristã com o panorama multiforme (mas essencialmente homogêneo) das civilizações que afluíam dentro do império romano. Este tema se configura como o ponto crucial através do qual, seja por parte dos pagãos, judeus, ou cristãos se forjou a tessitura dos relacionamentos recíprocos na afirmação religiosa de sua fisionomia peculiar. Seja da parte da cultura pagã, judaica, ou cristã, não se pode negar uma sede insaciável de conhecimento do futuro, misto de esperança e temor conforme. A partir desses pressupostos, já se torna possível distanciar o espanto e a admiração com relação à presença maciça das sibilas também no mundo cristão. Dentre os diferentes momentos históricos nos quais as questões proféticas e divinatórias surgem e ressurgem com fervor, não é incomum que compareçam diferentes estirpes de profetas e adivinhadores, com maior ou menor sucesso (dentre os quais as sibilas têm um lugar privilegiado) ao lado da astrologia com a sua prática divinatória do zodíaco. Quanto a esta última, é legítimo pensar que efetivamente a astrologia não saiu completamente de cena com a chegada do cristianismo. Pode-se compreender que de uma forma ou de outra, os astros estavam ainda presentes no mundo cristão. Assim, por exemplo, o Apocalipse de João, que tem grande parte de suas imagens mais eficazes no misticismo astral, promete ao fiel vitorioso o domínio dos povos até à morte, mas também o domínio sobre a estrela matutina (Boll e Bezold, 2011: 45). Mas, se de um lado os versos apocalípticos falam frequente e claramente da vitalidade intemerata da fé nas estrelas, por outro lado não faltam exemplos de sua reprovação. Lembre-se, a esse título, a Carta aos Romanos de São Paulo (8,38-39) na qual ele celebra o triunfo do amor de Deus sobre todos os poderes astrais e do destino. Mais tarde também os apologistas cristãos afirmarão que é tolo e sacrílego adorar a obra de Deus – o universo – elevando à divindade o sol, a lua, os astros,

em vez de adorar o Deus mesmo (Boll e Bezold, 2011: 45). Entretanto, no momento no qual a comunidade cristã procurou se abrir à cultura laica, foi inevitável que a crença nos astros se lhe apresentasse como um dos elementos essenciais não facilmente extirpáveis de tal cultura, conforme se confirma em Firmico Materno, escritor e astrólogo romano do século IV. Assim, não é de se espantar que a persistência da influência da religião astral apareça, por exemplo, quando a Igreja, em meados do século IV, de certa maneira substituiu Cristo pelo Deus Sol, enquanto Sol da Justiça, mudando a data do seu nascimento para 25 de dezembro, isto é, para o dia que, para os pagãos, significava o aniversário do sol. Isso quer dizer que daí em diante o dia se ampliava e um novo sol iniciava o seu ciclo anual. A fórmula *Lux crescit* já existente no calendário grego e na liturgia pagã, foi introduzida literalmente na prédica cristã do Natal (Norden, 1924: 101). Os próprios evangelhos ligando o milagre do eclipse solar à morte de Cristo, e também contando a lenda dos Reis Magos que viram uma estrela no Oriente a partir da qual foram guiados a Belém, acabaram por colocar em estreita relação a astrologia com a vida de Jesus (Boll e Bezold, 2011: 47). De maneira mais profunda, Warburg – autor que aqui nos é muito caro por tematizar a sobrevivência do mito antigo – ao falar da história da persistência da tradição antiga, aborda de forma especial a astrologia e os símbolos do zodíaco. Poder-se-ia dizer que sua ideia de fundo a este respeito é que a astrologia é parte dos esforços do homem ao longo dos séculos, para se orientar no mundo. Partindo das pinturas alegóricas de Botticelli, no renascimento, ele chega à história do símbolo astrológico. O nascimento e a persistência da astrologia são compreendidos, em consonância com as afirmações de como uma necessidade psíquica consubstancial ao homem que oscila entre a atitude religiosa e a científica. No conhecimento do céu, encontramos a questão humana mais ampla de orientação espiritual em face do universo. Para Warburg os antigos deuses não estão mortos ainda (Warburg, 2013: 447-448). Se hoje sabemos que as divindades pagãs sobreviveram e que a ideia de um renascimento do antigo *pantheon* nos séculos XV e XVI depois de um longo ofuscamento é falsa, devemos isso a Warburg e aos warburgianos. Dentre eles, Jean Seznec em seu ensaio sobre A Sobrevivência dos Antigos Deuses, mostra,

ressaltado no prefácio de Salvatore Settis (2015, p. VII-XXIX) que na cultura ocidental um relacionamento absolutamente peculiar liga a tradição judaico cristã às imagens dos deuses do Olimpo e das origens míticas da astrologia. Entende-se aqui uma negação da morte dos deuses pagãos durante o medievo, para afirmar uma sua metamorfose. Em contraste com convenções de sua época, o autor consegue mostrar, a partir do conceito

de metamorfose, como os deuses medievais – “esses deuses fantasmáticos e abastardados tão teimosamente incompreendidos” – continuaram a viver através dos séculos e nos países mais diversos (Seznec, 2015: 173). A sobrevivência das sibilas também se faz notar ao longo da história e sua presença ao lado do zodíaco como linguagem oracular surge em distintos momentos desde a antiguidade.

DO CRISTIANISMO PRIMITIVO À PATRÍSTICA: A PRESENÇA DAS SIBILAS

Um momento, sem dúvida determinante para a compreensão do nosso tema, é o dos padres apologistas no cristianismo primitivo e da patrística até à institucionalização da Igreja Católica, (com o I Concílio de Niceia, convocado pelo imperador Constantino) ressaltando Lactâncio e Santo Agostinho. O primeiro imperador cristão, na sua mensagem para este concílio, realizado no ano de 325, interpretou a passagem das *Éclogas* ou *Bucólicas* de Virgílio como uma referência à vinda de Cristo. Constantino assim apresenta a Sibila: “Eu mencionei várias provas da divindade de Cristo” (Parke, 1992: 201). O imperador aponta então como exemplo da profecia da Encarnação, a quarta *Écloga* de Virgílio, verso quatro, (composta no ano 40 a.C.), que expõe em detalhes, fundamentando-a no oráculo da sibila (Parke, 1992: 201-202). A interpretação da *Écloga* ou *Bucólica* está alinhada à tradição mitopoética na qual as *Éclogas* IV e VI estão relacionadas à iniciação dos mistérios.

Sob o aspecto das permanências de determinados elementos antigos em distintas culturas e diferentes momentos históricos, pode-se pensar que a sibila é uma figura que nunca perdeu sua força ritual de matriz pagã. Nos seus gestos, ou mesmo na sua voz, ela sempre procurou comover e era sempre plena de *pathos*. Na apropriação e reinterpretção cristã dos séculos IV e V, a sibila parece nunca ter perdido os seus traços inegavelmente antigos: virgem, sábia, visionária e consciente do seu poder necromântico que lhe permitia acessar o mundo além-túmulo. Seja na sua aparência, seja na sua iconografia, a sibila nunca deixou de ser pagã, portando do mundo antigo o caráter patético e emocional dos profetas.

Se Constantino foi um marco, cabe lembrar que antes dele as sibilas vinham sendo já citadas pelos padres da Igreja. Depois que Virgílio mencionou a sibila, esta se tornou uma figura comum na literatura latina. Os cristãos viram então, nesta *Bucólica*, (Brown, 2007: 78), a profecia do nascimento virginal do Messias que tirou o pecado original. É nesse ambiente deliberadamente literário, antes mesmo da citação de Constantino, que a sibila aparece nos escritos dos Padres da Igreja. Erma, irmão do papa Pio I e autor do célebre escrito *O Pastor* (obra cuja primeira parte consta de uma série de visões nas quais o autor recebia diversas instruções morais e espirituais), relata o encontro com uma sibila, uma velha senhora com um livro nas mãos. Há uma parte dos Padres da Igreja em cujas obras as sibilas vêm citadas como fontes de ensinamentos evangélicos e espirituais (Parke, 1992: 185-186). No mesmo período São Justino, mártir e escritor cristão, na sua *Apologia* (152-153 c.) cita a sibila como tendo previsto a destruição pelo fogo, daquilo que havia sido criado. A destruição do mundo pelo fogo está já no Livro Terceiro dos *Oracula Sibyllina* (Momigliano, 1987: 408-409). Sobre esta coletânea anônima dos oráculos das sibilas, a erudição greco-romana estava convencida de que circulasse antes da Guerra de Troia e que Homero houvesse sabido o futuro dos descendentes de Enéas por meio dos ditos oráculos. Entretanto, a primeira menção a um oráculo sibilino, na literatura grega é feita por Heráclito, no fragmento 92, e não pode ter sido muito anterior ao ano 500 a. C. A forma atualmente existente dos *Oracula Sibyllina* foi recolhida de um anônimo historiador bizantino do século VI d. C. São doze livros que



Fig. 01 - Mosaicos do arco triunfal da Basílica de Santa Maria Maggiore, Roma (fot. Maria Cláudia Magnani)

apresentam uma mistura das formas gentílica, judaica e cristã, datados do período entre 140 a.C. e o século III d.C. Esses 12 livros restantes de 14 originais são numerados de um a oito e de 11 a 14. Os livros nove e 10 se perderam e o sete encontra-se muito danificado. Um autor cristão fez um uso mais amplo dos oráculos sibilinos: Lactâncio (3º- 4º século), nas suas Instituições Divinas, uma obra de poderosa apologética cristã, escrita em latim e dividida em sete livros. Nelas o autor mostra o conhecimento dos oráculos, ao menos dos de número três a oito e lhes faz referência. Está claro, portanto, que Virgílio não foi a única fonte de inspiração para a presença das sibilas nos escritos da Patrística. Mais do que quaisquer outros Padres da Igreja, Lactâncio dedicou tempo e atenção de erudito, na tentativa de por as sibilas no contexto histórico em que vivia e extrair das suas mensagens o máximo de instrução religiosa.

O triunfo do cristianismo demandaria ainda um século para ser levado a cabo, mas a teologia já voltava a atenção ao problema da formulação de um credo detalhado e à necessidade de fazer frente àqueles que colocavam objeções às regras e às crenças de uma

igreja constituída. Não é, pois, por acaso que aquela importante declaração sobre a sibila tenha vindo do primeiro imperador cristão.

Santo Agostinho deu o veredito final sobre a Sibila, na Cidade de Deus, e possibilitou ao ocidente alinhar as suas próprias lendas das sibilas por toda a Idade Média: "...o referido poema da sibila Eritreia ou, como outros preferem Cumeia, em sua composição não contém nada que favoreça o culto aos deuses falsos; ao contrário, tão acicamente fala contra eles e seus adoradores, que me parece poder ser enumerada entre os pertencentes à cidade de Deus." (Agostinho, cidade de Deus, XXIII, 2.)

É importante ressaltar que a primeira sibila de que se tem registro seja proveniente da Babilônia, não se pode, no entanto, negar que foi da Itália meridional que o sibilismo irradiou para a França, Alemanha e para o restante da Europa. A este primeiro período abordado corresponde uma única representação da sibila, uma mulher no arco triunfal dos mosaicos paleocristãos (432-443) da Basílica de Santa Maria Maggiore em Roma (Castiñeiras, 2016: 110).



Fig. 02. Sibila de Sant'Angelo in Formis, Abadia Beneditina, Cápua. (Fot. Maria Cláudia Magnani).

AS SIBILAS NA IGREJA MEDIEVAL

A Igreja medieval, e é este o segundo momento ao qual nos dedicamos, tenta disciplinar o futuro ou a sua predição entre o estabelecimento do que seria profecia ortodoxa e profecia herética. Desde os primórdios do cristianismo – uma religião essencialmente profética na qual a profecia é uma *“gracia gratis data”* – a Igreja lutara contra uma quantidade imensa de consideradas superstições herdadas da era precedente, tentando estabelecer, no que concerne às profecias, o que era de inspiração divina e o que não era. Era profícua a presença de sonhos, visões, profecia. Na alta Idade Média, Gregório Magno, por volta do ano 600 escreveu uma obra rica em alegorias, dando prova de crer nos dons proféticos. Em uma época em que as fronteiras entre o natural e o miraculoso, o presente e o futuro se atenuavam até mesmo nas mentes de uma elite cultural, não é de se espantar que tenha havido um recrudescimento das consultas aos adivinhos, astrólogos, videntes, profetas, e todos aqueles intermediários que têm acesso ao futuro. Dentre eles, as sibilas estão presentes.

Uma parte considerável das profecias religiosas medievais se deve a uma efetiva insatisfação com o presente e uma insegurança e desesperança com relação ao futuro. No século XI, uma desordem das almas criou insatisfação e desequilíbrio a partir das mudanças como a retomada do comércio, o desenvolvimento das cidades e a aparição da burguesia, juntamente com o surgimento de bandos de mercenários e mendicantes (Rossi, 1915: 218). Na mesma época há um ressurgimento de um clima apocalíptico e o medo diante das desordens advindas das rápidas mudanças no mundo tradicional trouxe fortemente o desejo de conhecimento do futuro. Houve um retorno importante da astrologia e das profecias sibilinas que são, ao mesmo tempo, concorrentes e complementares aos profetas do Antigo Testamento. É do século XI a primeira representação da sibila no universo medieval. Uma pintura parietal, na Basílica de Sant'Angelo in Formis, dos frades beneditinos, representa a sibila já honrada na Igreja, lado a lado com os doze profetas de Cristo. A sibila em questão não está nomeada, mas encontra-se nas terras onde tiveram longa duração a tradição das sibilas

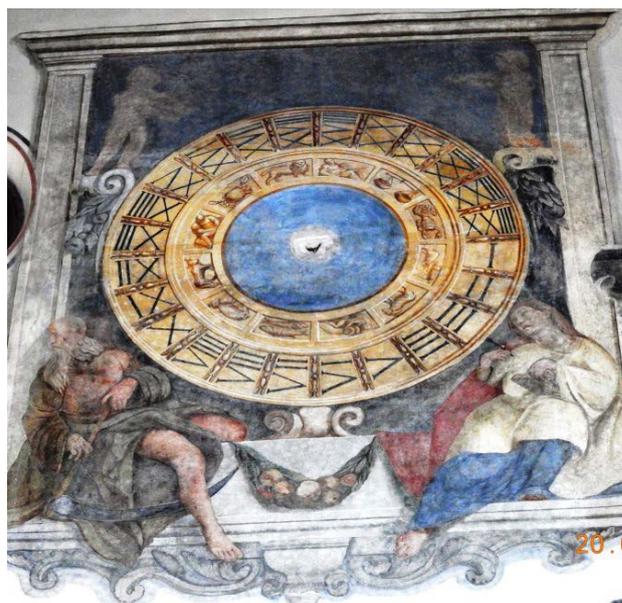


Fig. 03. Relógio com zodíaco: Igreja de Santa Maria dei Servi, Pádua. Século XV. (Fot. Maria Cláudia Magnani)

Cumana e Ciméria, sendo provavelmente esta uma das profetisas comparecentes na tradição regional. São Bento, além de fazer também suas profecias, é protagonista de uma lenda, segundo a qual teria tido um encontro com a sibila (Rossi, 1915: 217).

Neste ponto torna-se extremamente importante a compreensão da sobrevivência e incorporação da astrologia em sua vinculação com as sibilas, como testemunhos “de fora” do cristianismo. Em meio à indefinição entre as categorias naturais e sobrenaturais, que pode ser notada nos testemunhos gentios para as verdades cristãs, tomava grande importância os depoimentos não cristãos pronunciando a doutrina cristã. Os leitores medievais estavam já familiarizados com as origens antigas da astrologia, através das Antiguidades Judaicas, de Flavio Josefo, por meio do seu texto traduzido para o latim no século VI e também através de seus leitores posteriores (Smoller, 2010:79). Josefo remonta a arte da astrologia ao tempo dos patriarcas, por exemplo, atribuindo a longevidade de Noé a um profundo conhecimento de geometria e astrologia e o conhecimento das estrelas também a Abraão. Por meio dessas fontes a noção de que a astrologia era uma arte antiga e revelada, praticada pelos patriarcas, passou para a corrente principal da tradição cristã.

Nesse cenário houve uma onda de traduções de textos de astrologia do universo árabe e composição subsequente de novas obras astrológicas latinas. De

destacada importância foram as obras do teólogo Albumasar, nascido no século VIII, também matemático, astrônomo, astrólogo e filósofo persa, que escreveu uma série de manuais práticos sobre astrologia de profunda influência na história intelectual muçulmana e, através das traduções, também na elaboração da astrologia medieval (Sadan, 2000: 15). Hermann de Carinthia, tradutor de Albumasar, teria sido o primeiro apologista cristão a utilizar o fragmento de Albumasar associando-o à Virgem Maria (Smoller, 2010: 80). Trata-se de uma farta legitimação da verdade cristã por meio dos profetas “de fora”.

Albumasar associa o signo de Virgem à Virgem Maria e ao menino Jesus, bem como à previsão de seu nascimento na associação com a sibila Química, retomada no século XV por Filippo Barbieri, que mais abaixo será abordado. A legenda abaixo da sibila Química da obra de Barbieri remete à previsão de Albumasar do nascimento virginal de Cristo (Smoller, 2010: 76). Assim a astrologia dos antigos revelou que a autoridade das sibilas está em pé de igualdade com a ciência das estrelas. É digno de nota o fato de que, no século XIII, ninguém menos que Tomás de Aquino (Suma Teológica : 2ª parte, II sessão, questão 172, artigo 5 e 6), o grande doutor da escolástica tenha também mencionado as sibilas, corroborando as palavras de Santo Agostinho e confirmando que suas profecias seriam de inspiração divina e não demoníaca. É também de grande importância neste contexto, a obra do mestre do doutor de Aquino,

Alberto Magno. O seu tratado *Speculum Astronomiae* seria responsável pelo elogio definitivo que consolidou a fama de Albumasar como profeta do nascimento de Cristo na baixa Idade Média, já abordado por Bezold (citado por Avilés, 1992-1993: 196) nos finais do século XIII. Ali ele oferece uma classificação dos livros lícitos e ilícitos de astrologia e magia, no qual legitima a obra de Albumasar, além de estabelecer uma relação entre o nascimento de Cristo e o horóscopo de Cristo, o que explica também como essas duas cenas se fundiram em uma só imagem aos olhos dos ilustradores. Estava então solidificada a relação entre a constelação zodiacal de Virgem e a Virgem Maria, que teve grande sucesso na Idade Média. São também numerosas as representações do zodíaco nas igrejas católicas desde a Idade

Média (Saxl, 2016: 47-287 e Panofsky, 2016:9-135).

Do século XIII existem importantes representações das sibilas na Itália. Destacam-se duas esculturas em Ravello e de Sesso Aurunca, ambas na costa Amalfitana, tidas como as primeiras representações das sibilas em mármore. Foi um novo momento de apelo ao sibilismo, especialmente no sul da Itália, onde foi grande a influência das ideias do já mencionado abade Joaquim de Fiore. Igualmente do século XIII é pintada em Roma, na Igreja de Santa Maria in Aracoeli uma sibila, pelas mãos do pintor Pietro Cavallini. Essa pintura, que narrava a lenda da sibila Tiburtina e do Imperador Augusto foi destruída e substituída por outra do século XVI, feita por Nicolò Maerinelli, dito o Trometta.

AS SIBILAS NO RENASCIMENTO E NO BARROCO

No século XIV a começar com Arnaldo de Villa Nova na sua obra *Antichristo* um grande número de estudiosos colocou-se contra as astrologias do apocalipse. No entanto, isso não foi suficiente para anular a tendência de emparelhar astrólogos e sibilas como testemunhos da encarnação. Este emparelhamento aparece com destaque na obra de João de Paris, um dos vários autores que escreveram em resposta a Arnaldo. Em João de Paris aparecem mais uma vez sibilas e astrologia em pé de igualdade. Ainda neste século, João de Legnano, de Bolonha, mais conhecido por suas obras como jurista, apresenta a astrologia e as sibilas em pé de igualdade. Esse autor tinha também um grande interesse por astrologia e teologia, temas que aparecem em seu *Advento Christi* de 1375, presenteado ao Papa Gregório XI. Depois de Legnano, oráculos sibilinos continuaram a se misturar com material astrológico e a aparecer em paralelo com as profecias do antigo testamento na arte e nas letras (Smoller, 2010: 83). Em algum momento daquela década o Cardeal Orsini pintou em seu palácio em Roma as 12 sibilas com os textos que haviam previsto a respeito de Cristo. No Palácio de Orsini as previsões de Albumasar agora serviam para descrever a sibila Química que por sua vez profetizou o nascimento de Cristo. A pintura desapareceu, mas inspirou as gravuras de Baccio Baldini no século seguinte (Dempsey, 2006: 85-98). Do século XIV importantes figurações de sibilas em

igrejas devem ser notadas, para além das iluminuras igualmente numerosas. Uma ocorrência exemplar é a escultura de Giovanni Pisano no púlpito da Igreja de Santo Andrea, em Pistoia, onde seis sibilas anunciam a paixão em meio às virtudes.

A totalização de 12 sibilas, presente já no palácio Orsini, nas gravuras de Baccio Baldini e na obra do dominicano Filippo Barbieri, teólogo, filósofo, historiador e inquisidor, corroboram numericamente a relação com os signos do zodíaco e com os profetas veterotestamentários. Apesar de ser voz corrente que Filippo Barbieri teria acrescentado duas sibilas à lista de Varrão (que viveu entre 116 e 27 a. C. e estabeleceu o número de 10 sibilas), percebe-se que era já um dado da cultura a existência das 12 profetisas. A importância hoje reverberada da publicação de Barbieri deve-se em grande medida a uma notável obra que apareceu na França do século XIX. Nos estudos de Émile Mâle *Quomodo Sibyllas recentiores artifices repraesentaverint*, a tese latina sobre as sibilas, discutida na Sorbone em 1898, o autor mostra como Barbieri tem efetivamente uma grande importância como base iconográfica das representações das sibilas nas igrejas a partir de então, uma vez que estabelece características físicas, vestimentas, idade e atributos específicos a cada uma delas em sua obra *Discordantiae sanctorum doctorum Hieronymi et Augustini* publicada pela primeira vez em 1481 e

diversas vezes reeditada. Mãle afirma que antes de Barbieri, na Idade Média, as sibilas representadas em França e Itália eram somente duas: Eriteia e Tiburtina, respectivamente. Em obra de 1912 *L'Art religieux du XIIIe siècle en France*, este autor afirma que a sibila que com sua palavra podia suficientemente representar o paganismo porque anunciava o Salvador. A partir dessas considerações, vemos como, ao longo da tese latina, a sibila, uma figura antiga que traz uma palavra reveladora, assume as características de uma imagem "explicativa". Como afirma Giustiniani (2013: 125) a sua obra é grandemente reverberada e ele mostra como, com uma referência a Vincent de Beuvais em seu *Speculum Mundi* (que por sua vez remete à Lactância), a Idade Média até o século XIII admitia a existência de 10 sibilas. Ele entendia as representações das figuras pagãs como uma expressão da antiguidade perdida. Quando se pensa na representação das sibilas em relação ao zodíaco, é oportuno recordar que, segundo Rossi (1915: 280), as sibilas esculpidas por Giovanni Pisano teriam inspirado as esculturas de Agostino di Duccio, um século e meio mais tarde, nas 10 sibilas do Templo Malatestiano de Rimini. Ainda que aqui não tenhamos o número de 12, as profetisas estão acompanhadas de dois profetas, totalizando a dúzia. E no mesmo templo, Duccio representou os símbolos do Zodíaco. As esculturas de Duccio no Templo Malatestiano foram abordadas por Warburg (2008: 89-93) que mostrou como, sendo quase maneiristas na sua figuração, fazem "empréstimos" de obras de arte antiga.

Em outro local, na chamada "sala das sibilas" ou apartamento Borgia, no Vaticano, estão representadas, no teto, 12 sibilas alternando em pares com os profetas, enquanto nos painéis octogonais aparecem os símbolos do zodíaco. Ainda uma vez ali, a sibila Cimeria ou Química, tem um pano com palavras que remetem a Albumasar. Fritz Saxl em 1957 escreveu *The Appartamento Borgia*, pelo Instituto Warburg, traduzido por Eugenio Garin e publicado na Itália, pela primeira vez em 1982, como um capítulo do livro *La Storia delle Immagini*. Ali ele faz uma importante análise do ponto de vista da história social da arte, que não fora ainda feita.

Do século XV são ainda de grande relevância as sibilas esculpidas em bronze dourado por Ghiberti na porta leste do batistério de Florença, entre 1425 e 1452. A porta original, hoje restaurada, encontra-se em exposição no Museu do Duomo em Florença.

O renascimento é, na verdade, o momento no qual se

vêm cada vez mais profecias extra bíblicas e astrologia ocupando o mesmo território, frequentemente dentro de uma estrutura escatológica e legitimando o cristianismo. Não é por acaso que é neste momento, do século XV em diante, que se tem o maior número de representações das profetisas nas igrejas. Novamente aqui a junção entre astrologia e sibilas se dá, seja na literatura, seja nas representações plásticas. Podemos citar um exemplo, do final do século XV, como validação tanto das sibilas quanto de material astrológico como fontes de conhecimento religioso verdadeiro: no pavimento da Catedral de Siena, em representação marmórea monumental, estão Hermes Trismegisto e as dez sibilas. O filósofo do século XV Marsilio Ficino afirma igualmente que a astrologia foi mais uma forma pela qual os gentios chegaram aos mistérios cristãos. Dentro do seu sermão *De Stella Magorum* a estrela leva os magos ao menino Jesus não apenas pelo seu brilho e movimento, mas porque eles sabiam interpretar a posição dos astros em torno da estrela. Nessa obra ele cita as palavras de Albumasar sobre a imagem da donzela na primeira face de Virgem, que remete à Maria (Buhler, 1990: 348-371). Obnubilando as fronteiras entre o conhecimento natural e o sobrenatural foi fundamental para validar os testemunhos gentios da verdade cristã. Como afirma Settis (1985: 89-124) em um texto sobre a sibila Agripa, no seu tempo havia uma tradição divinatória que reconhecia nas sibilas um modelo insuperável de vaticínio natural, ainda que exercido entre os gentios, no entanto capaz de captar no mundo os presságios da redenção e do julgamento final. Mas, para representar os julgamentos sibilinos como vaticínio natural seria necessária exatamente essa nuance entre os saberes naturais e sobrenaturais mostrada pelos autores que traçaram a história mitológica da astrologia, retornando às suas origens de revelação, combinando e emparelhando astrólogos e sibilas como testemunhos gentios da verdade cristã. No século XVI, grandes nomes como Rafael e Michelangelo representaram sibilas em igrejas de incomensurável importância em Roma: Santa Maria della Pace e Capela Sistina, respectivamente. São dois exemplos que falam por si só, para dimensionar a importância dessas representações, mas não dão a dimensão numérica das representações das sibilas nas igrejas, na Itália. Em um espaço de poucas décadas, ao lado dos já citados pintores, destacam-se, entre os séculos XV e XVI nomes como Fra Angelico, Ghirlandaio, Andrea del Castagno, Raffaellino del Garbo, Veronese, Lorenzo Loto, Filippo Lippi, Bernardino Luini, Correggio, Dosso Dossi, dentre tantos outros que representaram as sibilas no mundo cristão. Neste contexto, não se pode compreender a profusão de imagens de sibilas, se não se

recordar as intercorrências da contrarreforma, que pelo Concílio de Trento incentiva o uso das imagens, numa reafirmação legitimada proposta já por Gregório Magno por volta do ano 600. Conforme Besançon (1997: 243-244) Gregório Magno legitimava o uso das imagens por três caminhos distintos: como contribuição para o melhor entendimento das passagens da Bíblia, mormente para os não alfabetizados sem acesso à palavra de Deus por meio da leitura da Bíblia Sagrada; rememorar a vida dos santos mártires e de Jesus Cristo; e também, promover a humildade e o compunção da alma que se percebe pecadora. O concílio de Trento foi realizado entre 1545 e 1563 e com relação às imagens, retoma claramente as determinações de Gregório Magno: “as imagens não só recordam ao povo os benefícios e dons concedidos por Cristo, mas também expõem aos olhos dos fiéis saudáveis exemplos dos santos e dos milagres que Deus realiza com o fim de que a Ele deem graças e regrem sua vida e costumes pelo exemplo dos mesmos santos e assim se voltem para adorar e amar a Deus, praticando a piedade.” (Arrivabene, 2008: 207)

Paralelamente aos determinantes do concílio, o uso didático das imagens sacras a partir de uma crescente valorização do naturalismo que evitasse a licenciosidade, os excessos de ornamento, a ignorância das escrituras, a artificialidade e a falta de decoro (equivocos mencionados no decreto tridentino) é legitimado e incentivado por obras como as de Gabriele Paleotti e Borromeo. Incentivados pelo ideário tridentino, pintores e escultores do barroco adornaram igrejas em toda a Europa e, no que concerne à representação das sibilas, destaca-se especialmente o norte da Itália, em regiões como Emilia Romagna e Lombardia.

Evidentemente se o incentivo ao uso das imagens se deu nomeadamente para Nossa Senhora, Jesus Cristo, santos e mártires, em nenhum momento estão mencionadas as imagens das sibilas que não são aludidas na Bíblia a não ser em apócrifos (Magnani, 2016: 122). Entretanto, se se compreende a necessidade persuasória da Igreja reformada, as sibilas, enquanto comunicantes com o divino e com o saber porvindouro, são extremamente eficientes na manutenção do poder político e religioso.

A CRÍTICA DA CIÊNCIA MODERNA ÀS SIBILAS

A análise astrológica da fé cristã fortalecida pelo entrelaçamento com as figuras conhecidas dos magos e das sibilas provar-se-ia imensamente poderosa e popular nos séculos XVI e XVII. No entanto, o século da ciência moderna traria muitas críticas tanto à astrologia quanto às profecias sibilinas. Diversos eruditos não hesitaram em tentar demonstrar que se tratava de pura invenção. David Blondel e Isaac Casaubon os lançam na descrença nos anos 1660. Para Vossius as profecias sibilinas tratam-se de invenções dos judeus. Para Johannes Marckius de Groninga trata-se de uma fraude atribuída aos padres. Para o holandês Antoine Vandale, as sibilas são malandras que não teriam previsto coisa alguma. A partir do final do século XVII os oráculos sibilinos foram sendo desmistificados e por volta de 1694 tornaram-se a base de um jogo para a sociedade nos Países Baixos. A profecia se torna um gênero literário de divertimento própria dos almanaques. A astrologia também se vê degradada, paralelamente, e a passagem do cometa em 1680

cria a ocasião para longos debates sobre a sua incapacidade de prever acontecimentos. Antes disso, porém, homens como Molière, La Fontaine, Bossuet, Fenelon desfecharam já ataques contra a astrologia (Monois, 2007: 351). Por diferentes motivos bispos, teólogos, céticos e racionalistas questionaram a validade das previsões a partir das influências astrais. Não foi, no entanto, sem reação que os ataques sofridos às profecias sibilinas circularam. Exemplo disso, em 1678, Jean Crasset, pregador jesuíta, em sua *Dissertation sur les Oracles des Sybilles* faz a apologia dos oráculos sibilinos, atacando diretamente as críticas feitas por Blondel. Entretanto, a partir dos finais do século XVII são cada vez menores as ocorrências das representações das sibilas nas Igrejas na Itália, ainda que em menor número sejam representadas, por vezes de maneira meramente decorativa, até o século XX. Exemplos monumentais são as quatro sibilas pintadas por Achille Casanova na Basílica de Santo Antônio em Pádua, na primeira metade do século.

CONCLUSÃO

A persuasão ideológica, seja política ou religiosa, pode vir a ser um modo essencial de exercício de autoridade e poder (Argan, 2004: 56-63). As figuras das sibilas mostraram-se, ao longo da história católica um elemento altamente eficiente neste sentido por serem indissociavelmente ligadas às necessidades humanas de saber e poder controlar o futuro. A intenção persuasória das pinturas das profetisas no ambiente católico,

consoante com a sua especial capacidade de recordar que o futuro pode ser terrível, queria suadir a todos, indistintamente, a compactuar com a ordenação de uma sociedade cristã, católica e a manutenção do poder político e religioso sobre os crentes. A sobrevivência e apropriação dos elementos pagãos no mundo católico e sua representação plástica são um exemplo eloquente da íntima relação entre arte e poder.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARGAN, Giulio Carlo - *Imagem e Persuasão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ARRIVABENE, Talita Goulart - "Usos e Funções das Imagens sob o ponto de Vista da Igreja". *Outros Tempos* 5, número 6, (2008) 202-225.

AVILÉS, Alejandro García - "Alfonso X, Albumasar y la Profecía del Nacimiento de Cristo". *Imafronte Revistas Científicas de la Universidad de Murcia*, n.º 8-9, (1992-1993), 189-200.

BAUDOIN, Claudie - "Quattro vie di predisposizione alla divinazione in Mesopotamia e nel mondo Ellenistico". *Parchi di Studio e Riflessione La Belle Idée*. (2012), 62-70.

BESANÇON, A. - *A imagem proibida: uma história intelectual da iconoclastia*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BEZOLD, Friedrich Von - "Astrologische Geschichtsconstruction im Mittelalter" *Deutsche Zeitschrift für Geschichtswissenschaft Bd. 8* (1892), 29-71.

_____ e BOLL, Franz - *Le Stelle Credenza e Interpretazione*. Torino: Bollati Boringhieri, 2011.

BOTTIN, F. - *La Scienza Sperimentale*. F. Bottin (org.). Milano: Rusconi, 1990, n.º 64.

BUHLER, Stephen M. - "Marsilio Ficino's De Stella Magorum and Renaissance Views of the Magi". *Renaissance Quarterly* 43, 2 (1990), 348-371.

CASTIÑEIRAS, Manuel - "Da Virgílio al Medioevo: postille sulla rinascita della Sibilla in Campania (XI-XIII secolo)". *Arte Medievale*, IV (2016), 97-110.

DEMPSEY, Charles - "Baccio Baldini, Sibyls and Albumasar". *L'art de la Renaissance entre science et magie*, (2006), 85-98.

ELIADE, Mircea - *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972, p. 06-11.

FERRI, Silvio - *La Sibilla e Altri Studi sulla Religione degli antichi*. Pisa: Edizione ET, 2007.

JONES, Pamela M. - *Frederico Borromeo e L'Ambrosiana. Arte e Riforma Cattolica nel XVII secolo a Milano*. Milano: Vita e Pensiere, 1997.

MAGNANI, M. C. A. O. - "Sibilas: da Babilônia ao Brasil." *Revista Portuguesa de Humanidades*. Vol. 20,2 (2016), 115-138.

MÂLE, Émile - *Quomodo Sibyllas Recentiores Artifices Repraesentaverint*. Paris: E. Leroux, 1899.

MOMIGLIANO, Arnaldo - "Dalla Sibilla Pagana alla Sibilla Cristiana: profezia come storia della religione." *Analle della Scuola Normale Superiore di Pisa. Classe di Lettere e Filosofia*, s.3, XVII, 2, (1987), 407-428.

PANOFSKY, Erwin, SAXL, Fritz - *Mitología Clássica en el Arte Medieval*. Buenos Aires: Sans Soleil, 2016.

PARKE, William Herbert - *Sibille*. Genova: Edizioni Culturali Internazionali, 1992.

PERETTI, Aurelio - *La Sibilla Babilonese Nella Propaganda Ellenistica*. Firenze: La Nuova Italia Editrice Firenze, 1943.

ROSSI Angelina - "Le Sibille nelle arti figurative italiane". *L'arte: rivista di storia dell'arte medievale e moderna*, 18, (1915), 209-21; 427-58.

SADAN - *I Segreti Astrologici di Albumasar*. Torino: Nino Aragano Editore, 2000.

SAXL, Fritz - *La storia delle Immagini*. Bari: Editore Laterza, 1982.

_____ - *La Fede negli Astri. Dall'antichità al Rinascimento*. Torino: Bollati Boringhieri, 2016.

SETTIS, Salvatore - "Sibilla Agripa." *Etudes de Lettres*, 4 (1985), 89-124.

_____ - Presentazione a SEZNEC, Jean. *La Sopravvivenza degli Antichi Dei Saggio sul ruolo della tradizione mitológica nella cultura e nell'arte rinascimentali*. Torino: Bollati Boringhieri, 2015.

SEZNEC, Jean - *La Sopravvivenza degli Antichi Dei Saggio sul ruolo della tradizione mitológica nella cultura e nell'arte rinascimentali*. Torino: Bollati Boringhieri, 2015.

WARBURG, Aby - *A Renovação da Antiguidade Pagã*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

_____ - *Opere I. La Rinascita del Paganesimo Antico e Altri Scritti (1889-1914)*. Torino: Nino Aragano Editore, 2008.